

COSMO LITTERARIO

Anno I

Redactor M. A. Major

N. 9

Parte Litteraria

CONCEPÇÕES E PHANTASIAS
PAGINA NONA

Camões.

Os homens grandes são outros tantos astros e como elles sujeitos ás regras e ao cumprimento do Supremo Archetipo — rapidos na terra deixão comtudo uma estrada luminoso, por onde vai transitar a postêridade, e em cada marco lê-se os canticos, as scenas e quiçá mesmo os soffrimentos d'essas imaginações coruscantes de luzes.

CONCEPÇÕES E PHANTASIAS. Pagina quinta.

As nações possuem um destino.

Ha um tempo, em que tudo floresce, em que as tendencias fraternisãm-se, os desejos comprehendem-se e parece que indivisivel idéa de amizade concorre poderosamente para esse apogeu, fito de tantos olhos e objecto de tantos lazeres.

Ha um tempo, em que tudo desmorona-se, rivalisãm as idéas e com ellas os homens que as representam, esquece-se doces dictames de sagradas léis e tudo calcando deixa-se entrever a ruina total de seu poderio.

A Babylonia, a Persia, a Grecia e Roma attestãm o destino das nações; ellas crescerão e robustecerão; porque suas raizes estavam aprofundadas e sua seiva era forte, crescerão e robustecerão; porque tal era o seu destino, cahirão e rolarão no

abysmo das ruinas; porque tal era sua sorte, e se não fosse desta maneira, se não attribuirmos todos esses factos grandiosos ou diminutos, sublimes ou apoucados á uma força quasi ignota que circule e que resista aos annos e seculos — como o destino; irêmos talvez percrustar o Infinito para enxergar sua acção directa ou indirecta; porém providente no viver dos seculos; e ao Infinito louvar ou culpar todos os vicios e todos os crimes do homem; mas se á palavra *destino* dermos outro significado differente ao dos sophistas, concluĩmos dizendo que a acção que influe nos factos da humanidade não é mais do que a acção de Deos. chamada — Providencia e que a palavra — Destino — é um vocabulo de que servirão-se os antigos crenetes da Mythologia e os modernos fatalistas.

Os homens são, como as nações, tambem, possuem um destino.

Deus fadou a Camões: Camões representou Portugal na decrepitude da vida, na borda do abysmo; Camões sublimou-se morrendo com a patria como outr'ora Catão com a republica, sublimou-se cantando seus triumphos e pagando um tributo de homenagem aos manes de tantos heroes — já esquecidos pelas novas gerações.

Camões é um d'esses homens destinados a soffrer e a ver soffrer; dotado porém da tempera d'aquelles que cantára soffria mais pelo soffrer dos outros do que pelo seu: Que lhe importava a ingratição de Portugal se lhe restava um *Jão*? O que porém affligia aquelle cysne, o que torturava seu coração de luzo era — o suicidio moral de sua patria, era — a venalidade tornada uma lei, o abuso — um direito e o crime — um dever, era o atropellamento de sua patria, cujo destino encetára a

Os Miseraveis verdadeiros

Romance original

DE

Manoel Antonio Major

PARTE PRIMEIRA

V

Ideas e factos.

(Continuação do numero antecedente)

O mundo politico estava assaz mudado: instituições, idéas, factos e homens tudo era novo, á *bonapartistas* succedem *bourbonistas*, e a Europa olhava tremula para os rochedos de Santa Helena, onde o homem, que dispuserá de tudo a seu prazer, locupletava sua missão elevando-se até a jerarchia preclara do martyrio; era Promethêo, que depois de illustrar-se em inaudita aventura, mostrava no Caucaso a abnegação e a simplicidade de seus principios; os Bourbons sentados no throno de S. Luiz tinham na cabeça o bonet de Luiz XI o *severo e tyrannoe* de facto inauguravão seu reinado com o rigor: Ney e Labedoyere fusilados, Savary aprisionado, Lavalette perseguido, não é mais do que o preludio da luta entre o direito e o facto, entre o inqualificavel e a utopia; Destutt Tracy sentava-se no parlamento e Monge no Instituto emquanto superabundão

injustiça e crescem as desgraças; porém é sempre em nome do bem e do direito que tudo se faz; ha porém uma consolação: é que o mal não é eterno e que o povo em 1830 e em 1848 mostrou que aborrecia tanto os Bourbons como os inglezes os Stuarts; deixemos porém esse tactear publico e entremos no anno de 1817, em que Fouché, que trahira imperio e imperador em prol de Luiz XVIII era desterrado; emfim em que tudo olha para o estado actual rindo-se ou chorando, uns sombando e outros glorificando-se, estes lamentando-se e aquelles olhando para o futuro como o sabio ante os leitos fossiliferos de animaes existentes em outras éras; agora porém que temos dado um traço passageiro sobre a epocha, vamos continuar a nossa historia afastando os olhos dos andrajos da miseria, que se amplia por toda parte.

No dia immediato á noute, em que o duque de Niemen teve uma conferencia com o celebre bandido, via-se em uma caza de assaz luxo um homem de sesenta annos, baixo, que, envolto em um comprido rodague de velludo, emprega quasi toda sua attenção nos papeis e massos de notas espalhados em sua secretária, dizemos quasi toda attenção; porque de vez emquanto olhava para uma menina de desoito annos, alva como uma virgem de Raphael e tão bella que extasiaria-se ante o garbo de sua formosura, seus olhos languidos e azues, cabellos louros, mãos diminutas e alvas como pedaços de crystal; tal era a joven Sophia, filha do Sr. Amarantho Desat, banqueiro de Paris.

Continua.

marcha do infortunio desde o momento em que a India foi um paraíso para os nêtos dos Gamas e Albuquerque; era a dissidência que roia tantos cerebros assoprando nelles o fogo da ambição, d'essa ambição que deshonor e apoucanha.

Catão morreu quando a republica exhalou — o ultimo suspiro, elle suicidára-se para não presenciar as catástrophes da Roma.

Camões — como o nêto de Catão o Censor — succumbiu com a patria!

Ao primeiro bastou a lamina d'uma espada, ao segundo foi preciso accumular-se as desgraças, foi preciso ter amado, ter sido exilado, perseguido e abandonado, foi preciso que o céu patrio se toldasse e rebentassem de todos os lados procellas grandiosas que fizerão estremecer toda essa terra, que forneçêra os bravos mais desinteressados, os émulos verdadeiros dos austeros cidadãos da velha republica romana; quando florescião os Cincinatos e os Fabricios.

Não foi nossa intenção contar a vida do cantor dos Lusiadas, muitos já a fizeram, muitos o elogiãrão e muitos que lêrão suas obras ainda elogião-no, nós porém só tencionamos enviar uma saudade á tão engenhoso poeta, uma expressão de gratidão á tão sublimado varão; só lamentâmos um facto, só lastimâmos uma cousa: É que homens, como Camões, sejam diminutos, é que a Elle succedessem pígmios enfatuados que se julgão poetas e que se pensão alvos cysnes; quando possuem as negras asas do mocho, quando ás poesias sublimes e cujo mérito ninguém contesta á não estar armado de orgulho e philautia; succedem estas outras reuniões de palavras sem nexo, e que rimão por muito favor; não é que depois de Camões não surgissem poetas; é porém que procurão hoje diminuir a gloria d'aquelle, quê tantos sabios admirão, e de quem homens intelligentes aprenderão muito.

Para a gloria de Portugal basta CAMÕES!

Para patentear cathegoricamente quem era esse vulto, que individualisára-se na monarchia, que cantára seus hymnos ao engrandecimento e suas nenias á ruína, que como, Alonso d'Er-cilla, foi guerreiro e immortalisou o solo patrio já com a lyra e já com a espada; bastão, na opinião de um sabio escriptor portuguez, os versos tão sentidos, tão naturaes e verdadeiros de *Palmeirim*, que a inspiração lhe disse ao ouvido; e elle confiou ao publico com toda ingenuidade do seu talento:

Que poeta, que não era
Da linda Ignez o cantor;
Quem mais do que elle dissera
D'esse feio Adamastor!
Era um astro fulgurante
Era um poeta gigante;
Tinha mais alma do que Dante
Cantava com mais amor!

Se isto tivesse sido pouco, ali estava Garret para escrever, como escreveu, a epopéa de sua vida, epopéa grandiosa, cujos cantos gigantescos perdurão e cujos versos eternisam-se, enraizando-se atravez dos seculos, nos corações d'esses mesmos, que por mania ou infelicidade, se fazem indifferentes e constituem-se vedetas ignaras de cohortes deleteriosas.

As caravelas lusas, que conduzirão guerreiros a Africa e a India — erão apenas navios que transportavão especiarias.

Os cavalleiros, que despregarão, nos muros de Ormuz, Malaca, Cambaya, Goa e desertos asiaticos e africanos, as quinas d'Ourique; quebrarão as espadas, despirão os saios e transformarão-se em — mercadores.

Para tal tempo e tal epocha Camões era impossivel.

Morreu como os filhos da tempera dos heróes; e seu nome é ainda hoje um protesto contra o effemenismo de seus coevos.

Deshonra para taes homens e gloria para Camões.

Se o destino do genio é um peragrar — elle o executou!

Se o destino do heroe é — o infortunio — elle o teve!

Foi heroe e genio! E como heroe e genio merece nossas homenagens.

✓Major.

Reflexões sobre a vida de um poeta.

A' Gregorio Ferreira de Almeida.

Ha na vida humana factos tão mysteriosos, dôres tão secretas, que ficão sepultadas no tumulo.

Muitas vezes o homem sonhando com a gloria, alimentando o coração de esperanças, deseja morrer, e porque será!

É porque n'aquelle doce enleio do sonhar da gloria, do alimentar da esperança, ha signaes da descrença, que a dôr traz comsigo muitas vezes.

E quando a dôr envolve a descrença, as lagrimas fogem!

Quem comprehender pôde o homem que muito soffre, e com o riso nos labios, a dôr no coração entôa canções de alegria á vida?

É preciso um estudo muito longo, muito aturado para se comprehender o homem, muito principalmente quando a dôr o tem feito comprehender o mundo.

Eu não ermino o homem que suicida-se, porque ha uma tal razão favoravel a elle, que torna-se um mysterio infindo entre elle e a Divindade, e que os homens de maneira alguma pôde percrustal-o.

A imperfectibilidade do homem, o torna por demais pequenino para si mesmo.

Estas reflexões vierão-me á mente, quando um dia eu fui lançar, sobre a campa de um amigo, no cemiterio, uma saudade, lembrei-me do seu passado, tão cheio de saudades, e do futuro magestoso em que elle sonhava; elle era um cysne bem moço, que ia abrir as suas gigantes azas na arcadia americana cheio de gloria, porém que morreo no abrir das azas n'um mundo de descrença.

E que quereis? Se elle era um menestrel, que tangendo a lyra d'ouro entre os perfumes d'alma, deixava-se levar pelo fogo das impressões e arrastava-se ao sepulchro.

He que n'aquella alma de poeta cheia de pureza, havia transbordado de todo a taça do soffrimento, é que elle soffria e muito essas dôres que matão e que não se explicão.

Esse tumulo simples entre os tumulos de architectura rica, sombreado pelos ramos dos chorões; que encerra os seus restos, é talvez d'entre os muito o que verdadeiramente sente cahir do céu o orvalho sancto; porque esses restos são tão puros como este orvalho e como a sua alma virgem de poeta!

Não o conheceis? Nem precisa; porque elle que n'um momento de descrença, arrenegou da vida, entre as caricias da familia, os sorrisos dos amigos, e voou a Deos, não quer ver lá da Eternidade o seu nome manchado pelo mundo infame que elle detestou!

Pobre poeta tu dormes o somno eterno, e o teu segredo a lage do sepulchro guarda-o para todo o sempre, elle recebeu o teu corpo que a tua alma matou n'um momento talvez sancto; em que parecias ir para as regiões dos céos, cantando na lira d'ouro canções divinas, e o respeito é o venera como o segredo que existia no sacrario da tua alma, e que tu o confiastes, para que o teu corpo não fosse manchado pelo roçar dos vermes!

São passados tres annos, que tu te despedistes d'este mundo, para ir fruir um outro melhor, com os sorrisos nos labios, e a dôr profunda e sem remedio n'alma.

Tenho saudades, e ao mesmo tempo pena de ti, porque podias viver, porque podias ainda nos deixar ouvir essas doces melodias que sahião da lyra quando era vibrada por ti; porque enfim tu eras o meu amigo; porém com pêsar desculpo-te do imo d'alma e do coração o que fizestes, porque tenho muito comprehendido estas tuas palavras: A vida no mundo material é um flagello, muito principalmente quando o homem soffre.

Porém, silencio continúa o teu dormir, que esta saudade só pode me despertar a tua vida, os canticos ingenuos e lindos que deixastes, a dôr pela ausencia d'aquelle que o futuro já lhe mostrava a gloria, e nada mais!

Lá da Eternidade onde estás, pensa em mim.

Oeloz.

Uma pagina da vida.

Um dia o céu do meu presente mostrou-se de um azul purissimo.

Encarando-o julguei-me novamente senhor das véses da juventude.

Nunca minh'alma conseguira ver tão bello o firmamento da vida.

Agradei esse mimo. Recebi-o, porém não o esperava.

Volvi então os olhos d'alma pelas terras do coração, e este mostrava-se desperto de um lethargo de mais de um anno.

Havia vida no peito, luz nos olhos, flores no rosto, azul no céu, perfumes no ar, brilho na terra e quietação no mar.

Quando tudo isso se contempla ha fé no existir, paz no presente e glorias no futuro.

Pela primeira vez persuadi-me de que a sorte se me tornava menos rigorosa, menos inflexivel, e pretendi ver se essa metamorphose partia directamente de Deus.

Nem a persuasão tornou-se certeza e nem a pretensão teve bom exito!

Voltei-me então ao passado e n'elle encontrei a escuridão sob a qual vivi até esse dia não eclipsado.

Pela primeira vez distinguia uma ventura desfeita, mais uma esperança sem a cor da esmeralda e mais uma gloria ambicionada sem poder realisar-se!

Regressando á solidão padecia mais do que outr'ora!

O semblante mais se enrugára, os olhos possuíam menos luzir, o peito tinha mais frialdade, a alma continha menos socego, e o cerebro era reduzido da chamma vivida da intelligencia!

Havia, pois, mais materia que espirito, mais noite que dia, mais prantos que sorrisos e mais scepticismo que crença!

Comtudo resignei-me.

Offendido, não tive um queixume; Ao mal recebido retribui com o bem!

Para tanto era-me inevitavel a consummação de mais de um sacrificio.

Consegui fazel-o sem auxilio extranho e sem a menor participação.

Se em recompensa tive o desprezo não me queixei, nem me queixo.

A humanidade não pôde ser infallivel.

Ella é muitas vezes beneficiada ignorando d'onde lhe vem o beneficio.

Outras vezes recebe-o sem ter sciencia do que faz.

Ainda em outras vezes onde tem um amigo devotado suppõe encontrar um figadál inimigo.

Apezar de tudo prosegui no trabalho encetado, e trabalhando exclamava: A consciencia engrinalda-se quando bem procede o homem.

Era essa a minha mais agradavel recompensa. Era esse o balsamo salutar que, por momentos, suavizava os meus soffrimentos.

E eu via — negro o céu, descrente a alma, inanimado o corpo; porém illuminada a consciencia —

Pode-se viver malquisto com todas as partes que actuação na existencia humana, menos com essa.

Indiffente com todas as outras partes que acompanhão a vida do berço ao sepulchro, d'essa companheira recebo provas da mais sincera amizade.

Para quem soffre, e muito ha soffrido, uma tal amizade é preciosa.

Não quero, nem devo, portanto, desatar esse laço.

F. da Costa.

Parte Recreativa

As *estrellas magicas*, a *porta bella* e a ignorancia d'um certo animal, não sei se da fabula ou da historia, convidão ao bom publico para um divertido espectáculo; aonde aprecia-se bem boas cousas, como sejam: uma queda para as mulheres, queda que comprova a *saudação dos crentes do futuro á estrella magica da sua vida*; a apreciação, por entre gargalhadas, do propheta-chronista *degenerando-se em Jeremias*; quando devia alegrar ao publico, visto que cada palavra que profere é um estólido piar, cada proposição que enuncia manifesta que *viveu sempre nas trevas, que é romeiro sem bordão tendo perdido o alento e estando cansado de vagar por trilha incerta*, e quem estiver perto de tão racional sabio corre o perigo de presenciar uma ribeirada de asneiras, philautia, prosa, etc., etc.

O tal desfructavel poeta do *Conselho*, acompanhado de suas

tolices e proezas (assaz bem desenhadas n'uma poesia d'um nosso conhecido) caracteriza-se perfeitamente n'esses versos d'um poeta brasileiro :

. que portento!
Tem a voz d'um bandolim;
Oh que genio! oh que talento!
Onde irá cantando assim!

O theatro de S. Pedro com o seu Christovão *co-lombo* talvez necessite d'um comparsa e enviamos-lhe o tal *corgo* ou *rio* no nome, cuja illustração não passa d'uns conhecimentos para com as *amabilissimas leitoras*, a quem adula e festeja como um *goso*.

Tencionavâmos fallar sobre os theatros, dizer alguma coisa em relação ao Circo; porém a falta de espaço, faz com que para a semana fallemos em taes assumptos; comtudo se ainda chegar a nossos ouvidos o estourar do propheta com suas lacunas — talvez já preenchidas — pelo barulho e ruido que *faz a luz espancando as trevas*, se soubermos de aventuras *quixotinas*, voltarêmos e então, caro leitor, haverão mosquitos por cordas e moscas por..... tabella!

Dr. Sagittario.

Suicida.

(Uma historia.)

O sol brilhante e infatigavel em sua marcha apparente, vem de sumir-se no occâso; a claridade de seus raios dourados, é substituida pela noite, que desenrolando sobre a superficie da terra seu longo manto alvejado pela caprichosa e fagueira lua, convida os mortaes fatigados dos trabalhos do dia á descansarem no modêsto leito, onde visitados por Morphéu, esquecidos dos *vais-vens* do mundo, se deixão prender em seus languidos braços.

A terra, como deshabitada, fica muda e sileaciosa, só apenas se ouve, de espaço em espaço, o piar triste das aves agoureiras e a brisa fresca da noute, que rumoreja brandamente por entre a verde folhagem de copadas arvores.

Todo este silencio profundo, esta mudez dos bosques, estas horas consagradas as almas que errantes vagueião no espaço, é quebrado pelo soar da meia noite, [que acaba de bater no sino da freguezia de S. Pedro de A...

Todos dormem... porém, na extremidade de um condensado bosque, um vulto, de braços encrusados, passeia cabisbaixo e pensativo de um para outro lado com passos firmes e compassados, como quem tem a mente assaltada de terriveis pensamentos!

É um moço, que denota ter pouco mais ou menos vinte cinco á trinta annos, de estatura regular, trajado de preto e tendo a barba espessa e um pouco longa, as faces descarnadas, olhos castanhos bastantemente aprofundados, e como que immoveis, parecendo tel-os quasi sempre fitos no chão.

Parece, que uma alluvião de demonios se apoderou do seu corpo e o despreso incognito, que vota a alguem, lhe povôa o coroação escaldado pelo amor puro e sancto de uma mulher!

Bem poucas braças tinha a percorrer no espaço a lua para terminar o seu curso nocturno, derramava comtudo, pelo sombrio e denso bosque os reflexos argentinos de sua luz.

Depois de um perpassar continuo, qual sentinella no posto de guarda, o mancebo parou, comprimiu de repente os labios, rangeu os dentes, como quem sente agitado por uma desesperação infernal, fransiu a testa e meneou lentamente a cabeça; instantes depois, seus labios roxeados pela febre ardente do desespero se entre-abrirão-se, e um suspiro profundo arrancado do intimo de seu peito angustiado, que só manifestava soffrimento e dor, veio dar ainda um toque a esse quadro tristonho! Sua cabeça, iã desvairada pelo louco amor, que com pesar elle vira extinguir-se para sempre no dourado horisonte de sua vida; inclinando-se ficou pendente por momentos sobre o peito!

S. P. F.

Continúa.

Flores.

A F. T. Leitão

Criminosa e tão *risonha*
A mulher não pensa em *flores*,
Só pensa nos seus *amores*
Perante a noite *tristonha*. . . .
Ainda que seja *formosa*,
Quando o rubor não *fulgura*
Sua alma não está *pura*;
Mulher não é — uma *rosa*.

Se d'amores é *vencida*
Desde os sonhos de *criança*;
Então não há *esperança*
De outros *gosos* na *vida*. . . .
Não sente a dôr do *martyrio*
Na face já *macilenta*
Qu'a vida *cynica ostenta*,
A mulher não é — um *lyrio*.

Folga, não é *pensativa*,
Não lembra os dias *passados*
No esquecimento *tombados*,
D'uma vida *affictiva*. . . .
Entre o luxo só *vaidade*
E tão feliz se *conhece*
No gosar não *estremece*,
A mulher não é — *saudade*.

Não é *rosa*, não é *virgem*,
Se lhe falta a *castidade*;
Não é *lyrio* — se *desperta*
Em um leito de *vaidade*:
Saudade — não tem das *flores*,
Dos *amores*, tem *saudade*.

Leite de Campos.